

REPRESENTAÇÃO IDENTITÁRIA NOS CONTOS DOS *CADERNOS NEGROS*: VALORIZAÇÃO DA AUTO-ESTIMA NEGRA?

Bárbara Maria de Jesus de Oliveira¹
UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA-UNEB

1. INTRODUÇÃO

A identidade² é algo construído a partir também de representações. A literatura se faz de suma importância neste processo de formação identitária. Sabemos que ao longo da história literária foram projetados aspectos simbólicos que corroboraram para a baixa auto-estima negra.

Este artigo pretende abordar sem se aprofundar sobre a importância da literatura nesta formação, assim como de que maneira podemos instituir reversões destas imagens, construindo assim representações valorativas que possibilitem, entre outras coisas, uma reafirmação positiva do negro.

Iniciaremos justificando o motivo pelo qual se deu esta pesquisa, logo em seguida nos debruçaremos sobre a importância da literatura na formação identitária, para tanto faremos um apanhado resumido das teorias raciais a partir de Ventura (2000) e SCHWARCZ (1996).

Utilizaremos como aparato teórico estudiosos como: Bernd(1988), Brookshaw(1983),Candido(1974), Cuti(2010),Hall(2001) ,Fonseca(2006), Gomes, (2008),Souza(2005/2008) entre outros.Após fazer um mapeamento panorâmico sobre a nossa historiografia literária, apresentaremos os contos dos *Cadernos Negros* como possível proposta para valorização da auto-estima negra.E logo em seguida faremos uma análise simplificada de alguns contos. Finalizando, faremos a conclusão.

¹ Mestranda em Crítica Cultural, Universidade do Estado da Bahia.Campus II. Licenciada em Letras Vernáculas, Universidade Federal da Bahia. Estudiosa das áreas étnico- raciais. Orientador: Prof. Dr. Murilo da Costa Ferreira. Bolsista CAPES. E-mail: barbarakinda@hotmail.com.

² Entendemos identidades baseia-se na perspectiva de Hall: “identidade muda de acordo com a forma como o sujeito é interpelado ou representado, a identificação não é automática, mas pode ser ganhada ou perdida.

2. JUSTIFICATIVA

No século XX, principalmente nas três últimas primeiras décadas, escritores autodefinidos negros e brasileiros, partícipes da construção do país, exigem a inscrição de seus corpos e de suas vozes como parte de sua textualidade cultural.

(SOUZA, 2005, p.54)

Ao lecionar na Escola Estadual Marquês de Maricá, entre 2003 a 2005, notei a escassez de textos que trouxessem à tona o universo dos alunos, seus conflitos, questões existenciais, étnico-raciais, desejos, os embates face à violência, as conquistas e demais problemas, no que concerne à afirmação e/ou negação identitária negra. Mesmo porque, na maioria dos livros didáticos e paradidáticos adotados pela citada escola, ou não havia personagens negros ou estes apareciam de maneira estereotipada, inferiorizada. Tal fato colaborou para aumentar uma inquietação existente, pois durante a graduação, na Universidade Federal da Bahia, havia surgido o interesse em pesquisar a temática étnico-racial, no entanto faltava definir o foco isto é se deveria me deter sobre um autor, uma obra, um determinado espaço temporal, uma vez que havia já percebido a carência de estudos na área, assim como a tendência à desvalorização do segmento negro delineado em nossa literatura.

No decorrer da graduação essa inquietação aumentou semestre após semestre, e no ano de 2007, na disciplina Estágio Supervisionado I, foi solicitado por uma docente que fizéssemos um álbum de textos literários para serem trabalhados em sala de aula. A partir da necessidade de trazer à tona questões que tematizassem a identidade negra, elaborei um álbum intitulado: *Conhecendo e (re)construindo a nossa história*, o qual foi o ponto inicial para pesquisar materiais que representassem seres ficcionais negros, sem limitá-los às mazelas sociais.

A partir da experiência com os alunos, percebi que havia poucas possibilidades para envolvê-los no universo da leitura se a reduzisse ao viés eurocêntrico. Eles precisavam não só desse prisma, outros se faziam necessários, de modo que se identificassem com as obras lidas. Privilegiei, portanto, textos que contemplassem a nossa diversidade cultural e os senti mais envolvidos com as mesmas. Dentre estas se destacaram os *Cadernos Negros*, Tais *Cadernos* são publicados desde 1978, tendo a contribuição de escritores procedentes de vários estados brasileiros chegando, até a presente data ao trigésimo quarto livro da série,

com alternância anual de poemas e contos, este último serão objeto de estudos da presente artigo.

A literatura brasileira possui muitas obras que serviram e servem para criar/reforçar eurocentrismos, seja preterindo, seja inferiorizando, seja colocando o padrão branco como a representação da beleza nacional, e os estudos na área têm evidenciado isso. Na contra mão da história, alguns escritores vem se insurgindo no transcorrer do tempo. Foi preciso, contudo, a realização de pesquisas para evidenciar as inovações, rupturas e contribuição de suas produções no âmbito literário. Dentre estes se destacam Luis Gama, Cruz e Souza, Lima Barreto e Solano Trindade, entre outros escritores da chamada Literatura Negra.

É do bojo das instigações acima que surge o presente artigo, tomando os *Cadernos Negros* como objeto de estudos e, nos deteremos sobre os personagens, com vistas a analisar a imagem que emergem. A questão crucial é observar até onde podemos identificar nesses textos a afirmação identitária anunciada nas introduções dos respectivos Cadernos. Repensando e refletindo sobre a representação dos(a) negros(a) na sociedade e como o corpo e o cabelo interfere na construção de suas identidades. E como tais contos possibilitam ampliar o leque de subsídios favoráveis à implementação da Lei 10.639/03 (atual 11.645/08). Por meio da qual se tornou obrigatório o Ensino para as Relações Étnico-Raciais e para a História e Cultura Africana e Afro-Brasileira.

3

IMPORTÂNCIA DA LITERATURA NA FORMAÇÃO IDENTITÁRIA.

A literatura, pode colaborar para afirmar, negar e/ou invisibilizar identidades através da sua linguagem. Neste aspecto vem prevalecendo cosmovisões de ascendências eurocêntricas em detrimento das demais³. Sabe-se também que a construção da identidade nacional do Brasil foi forjada e legitimada sob as óticas das

³ A esse respeito vejam-se o clássico estudo de Brookshaw (1983) e o mais recente de Cuti (2010), entre outros.

teorias raciais. Ora focando a exclusão do não branco, ora focando no branqueamento. Ventura (2000, p.358) ressalta que:

A ideologia da mestiçagem, como fusão harmoniosa de raças e culturas, se tornou elemento recorrente na cultura brasileira como traços específico ou marca de identidade nacional. Formulada por escritores, políticos e cientistas do final do século XIX e início do século XX, tal ideologia foi incorporada ao senso comum e se tornou parte integrante da representação do país.

Este e outros cientistas afirmaram com seus estudos sobre as teorias raciais, as quais tratavam as diferenças como forma de inferiorizar todos os que não fossem brancos, estas teorias fincaram raízes profundas na imagem negativas que os negros estabeleceram sobre si mesma, assim como os não negros sobre sua própria imagem positiva. De acordo com Schwarcz, (1996), há “quatro máximas do determinismo racial”, a primeira aborda o distanciamento entre o branco e o negro o qual equivale a distancia existente entre o cavalo e a mula, a segunda atrela características internas e externas, como por exemplo “acreditava-se que a partir de características exteriores- como a cor, o tamanho do cerebro, o tipo de cabelos- pode-se-ia chegar a conclusões sobre os aspectos morais das diferentes raças” a terceira “indicava que o individuo não era mais do que a soma do seu “grupo racial-cultural”, e por última a Eugênia. [...] conceito que implicou uma política social, estabelecia que só havia uma maneira de lidar com o fenômeno da diferença: impedir outras; estimular certos indivíduos e isolar outros.”, (SCHWARCZ,1996, p. 168-169).

A literatura brasileira foi um forte aliado nestas (de)formações identitárias os estudos de Ventura e de Schwarcz estão em consonância no que diz respeito as teorias raciais e suas influencias neste processo.

Percebemos neste fragmento o que a autora definiu como máximas do determinismo racial, elencados fatores que determinaram as diferenças raciais colocando características físicas e comportamentais do segmento negro como negativos, como a cor da pele, o tipo do cabelo como legitimador de inferiorização racial. Até então o foco era a não mistura de raças para não haver a “degeneração”. Só posteriormente é que outros estudiosos irão pregar que o branqueamento é que é a “solução”, com nos mostra Ventura no fragmento anterior.

Seja qual for o a “solução” encontrada pelos cientistas e estudiosos desta época para a formação da identidade brasileira sabemos que o foco principal era tornar o

Brasil com uma “aparência” branconcêntrica seja na literatura, seja na história, seja na cultura, o que se desejava era o apagamento do negro e do mestiço.

Podemos citar aqui algumas obras literárias que objetivaram a formação ou manutenção de estereótipos negativos e ou eurocêntricos: *Iracema*, (1857) *O guarani*, (1865) ambas obras de José de Alencar. Um pouco mais adiante podemos citar também *O Mulato e O Cortiço* de Aluísio de Azevedo, *O Bom Crioulo* de Adolfo Caminha *Gabriela Cravo e Canela* de Jorge Amado, *Macunaíma* de Oswald de Andrade, entre outros romances, contos, poemas e crônicas intensamente abordadas na literatura brasileira.

Na contramão do discurso das obras acima os quais em sua maioria possuíam uma alocação eurocêntrica, o qual distorcia, omitia, ou negava a participação ativa do negro no processo civilizatório brasileiro, intensamente abordadas na nossa literatura. Podemos citar obras de Cruz e Souza, Luis Gama, Solano Trindade, Lima Barreto, Machado de Assis, Maria Firmina, entre outros autores que abordam ou não negam a temática étnico-racial, estas obras não abarcavam completamente a abordagem e a (re)simbolização da identidade e estética negra que se queria alcançar. É importante salientar a grande importância destes autores para a construção da ressignificação da imagem do negro na literatura, apesar da maioria delas manterem mesmo que parcialmente ideologia eurocêntrica de suas épocas, foi a partir de tais autores, que autores negros contemporâneos desenvolvem sua tessitura valorativa sobre o negro.

4. REPENSANDO A HISTORIOGRAFIA LITERÁRIA.

Como já foi dito, as imagens que delineiam os personagens sempre foram importantes para a formação identitária brasileira, e a imagem, a nosso ver é entendida enquanto representação simbólica, construída ideologicamente, e utilizada “como instrumento de comunicação entre as pessoas”, servindo de “intercessão entre o homem e o próprio mundo”. Joly (1996, p.59).

Sendo assim, as imagens negras disseminadas na literatura brasileira, propõem uma análise dos “tipos” negros referendados principalmente pela literatura colonial e permeiam até hoje “no imaginário nacional” como senso comum. É importante ressaltar a importância de se decifrar as “imagens narrativas” e “ouvir outras vozes”, escutar narrativas esquecidas ou emergentes”. Fonseca (2006), por outro lado, evidencia que persistem imagens depreciativas sobre o negro, legitimadas ao longo da

historia literária brasileira, enquanto outras são negadas, e outras “recolocadas”, ou seja, reconfiguradas, e são estas últimas que nos interessam abordar.

Emerge daí a importância de trazermos à tona textualidades colocadas à margem na esfera acadêmica, levando em conta que “A literatura, em suas inúmeras tentativas de conceituação, constitui uma das instâncias discursivas mais importantes, pois atua na configuração do imaginário de milhões de pessoas” (CUTI, 2010, p.48).

Vieira (2003, p. 104) faz uma consideração bastante pertinente, pontuando que:

História e Cultura são aspectos fundamentais da textura do nosso cotidiano. Ajudam-nos a adquirir o nosso próprio sentido de identidade, guiando-nos na busca de quem somos de onde viemos e para onde vamos.

Para tanto, Vieira sugere que se repense a história literária contextualizando e reformulando os “critérios culturais e literários que representam honesta e democraticamente os vários Brasis ou as diversas culturas brasileiras (de etnias, raças, classes, registros estéticos, etc.) e suas formas de expressão”. Para o aludido autor a alteridade e o hibridismo são importantes estratégias para se repensar a história literária⁴, e trazer a luz discursos ocultados que mostram a variedade em vez da hegemonia discursiva.

Já Cairo (2004) aponta que em vez de um paradigma a partir dos anos 80 percebe-se que há “uma diversidade paradigmática” com a inserção de discursos não hegemônicos.

A partir dos anos 80, observa-se uma mudança de perspectiva, até então voltada para a categoria do nacional e/ou do estético e desde então deslocada para a expressão das vozes que ficaram à margem do cânone hegemônico da história da literatura brasileira. É o momento marcado pelo multiculturalismo nas reflexões da crítica e história brasileira em que se busca revitalizar o cânone, através da inclusão de textos que expressam as vozes dos porventura deixados à margem em função da etnia, gênero, sexualidade. CAIRO, (2004 p.71)

Portanto é necessário repensar a exclusão de vozes na literatura que representam a história, a cultura, e fazer-nos refletir como auto-estima, de uma grande parcela foi (e continua sendo) estigmatizada por obras e autores, em detrimento da supervalorização de outra, através de um discurso hegemônico que não dá conta da diversidade de gênero, étnica, cultural, social, brasileira.

⁴ Assim como o título de sua obra aqui analisada mostra.

5. CADERNOS NEGROS POSSIBILIDADE DE REPRESENTAÇÃO POSSITIVA DA IDENTIDADE NEGRA?

Considerando a necessidade de ressignificação exposta nos discursos dos pesquisadores aqui aludidos, e a demanda atual, debruçaremos sobre a rejeição/aceitação identitária dos personagens negros dos *Cadernos Negros*. Partindo do pressuposto de que eles reconfiguram o segmento negro nas narrativas, não só por privilegiá-los enquanto personagens principais, mas, sobretudo, por trazerem à tona os conflitos sociais, étnico-raciais e, enfim, existenciais, sem os reduzir à estereotipia e inferiorizações recorrentes em nossa literatura brasileira. Vejamos qual foi o objetivo dos Cadernos citado na introdução da 22ª edição:

Desde quando foi criado, em 1978, até agora, à beira deste fim de século, a série *Cadernos Negros* vem dando visibilidade à literatura afro-brasileira. *Cadernos* resiste às indiferenças e descasos e conquistas, ano a ano, um novo pedaço de chão literário para que o afro-brasileiro possa escrever-se independentemente de interesses editoriais e mercadológicos, de modas e tendências, de preconceitos sutis ou explícitos.

(CN 22 p.9)

Nos *Cadernos Negros* temos depoimentos e introduções, dos autores e de demais estudiosos da área, destacando que objetivam a valorização identitária e cultural negra brasileira, assim como a visibilidade dos respectivos autores. Com isso, dão-se continuidade⁵ aos traços das suas subjetividades, à medida que narram, visibilizam, protagonizam e reconfiguram, com suas vozes, as suas histórias.

Os *Cadernos Negros* elegem personagens negros como protagonistas de suas histórias, trazendo à tona conflitos diversificados, dentre ao quais destacamos: as relações amorosas, familiares, problemas sócio-econômicos, de gênero, violência policial, racismos, auto-estima, negação identitária etc. Compreendemos, desse modo, que se trata de textualidades que se abrem a possibilidades de estudos diferenciados, dependendo do interesse do pesquisador.

⁵ Dentre os escritores negros podemos citar: Cruz e Souza, Luís Gama, Lima Barreto, Lino Guedes, Carolina de Jesus Solano Trindade, entre outros.

Souza (1983) através de sua pesquisa com cunho existencial/psicológico relata como, por meio do processo de (des) construção identitária, o negro passa pelo processo de rejeição, negação, sentindo repúdio pelo seu corpo: nariz, cabelo e demais traços fenotípicos. Segundo a autora é preciso pensar formas e usá-los como ferramentas de afirmação existencial, e de marcação do lugar do negro. Gomes (2008) entende que tais fenótipos vêm sendo preteridos e/ou inferiorizados socialmente. No entanto, salienta,

[...] Cabelo crespo e corpo podem ser considerados expressões e suportes simbólicos da identidade negra no Brasil, juntos, eles possibilitam a construção social, cultural, política e ideológica de uma expressão criada no seio da comunidade negra: a beleza negra.

O corpo é um elemento de atribuição de valores e significados e, ao longo da história, diferentes representações simbólicas foram imputadas a ele. O processo histórico de escravização de negros(as) no Brasil e seus desdobramentos fizeram com que estereótipos fossem criados em torno do *ser negro*. Esses estereótipos são constantemente reconstruídos e reproduzidos nos espaços sociais, inclusive no ambiente escolar. A associação do cabelo crespo ao ruim faz parte deste imaginário que inferioriza a condição do *ser negro*.

É importante a Problematização dos padrões de beleza instituídos na sociedade e sua relação com as características específicas da estética dos(as) negros(as). Abordaremos como centro de discussão o cabelo crespo, também chamado de “Bombril” e “Pixaim”. O objetivo é questionar os padrões de beleza instituídos na sociedade e pensar sobre estética de uma forma que contraponha o pensamento hegemônico, analisando até que ponto os Cadernos Negros valoriza a auto estima negra.

Reconhece-se, portanto, a valorização do papel do escritor na sociedade. Em se tratando dos autores dos *Cadernos Negros*, estes cumprem a função de potencializar identidades vilipendiadas na literatura brasileira. Nesse aspecto Bernd (1988), uma das primeiras estudiosas dos referidos *Cadernos*, evidencia a importância deles, à medida que colaboram para “iluminar [...] regiões da história da literatura brasileira que permaneceram, ou permanecem à margem, trazendo-as à superfície para lançá-las ao debate crítico”. Vieira (2003, p.98), salienta que “desejamos identificar aqui estas culturas “esquecidas” para que possam ser incluídas numa história literária. E, reitera: “[...] é

preciso escutar as vozes previamente excluídas do diálogo dos discursos canônicos” (VIEIRA 2003, p.108.).

Estamos em consonância com Souza (2008), pois reconhecemos que os *Cadernos Negros* cumprem um papel social importante, à medida que se abre a uma rede de questões que estão às margens de grande parte de nossa literatura brasileira. Vale salientar que, recentemente, passaram a constar da relação das obras dos vestibulares da Universidades Federal da Bahia e da Universidade do Estado da Bahia. Também Costa (2008) e Fonseca (2006) ressaltam a relevância dos referidos *Cadernos*. Seguindo este mesmo ponto de vista, Pereira (2010) organizou uma ampla coletânea de textos intitulado *Um tigre na floresta de signos: Estudos sobre a poesia e demandas sociais no Brasil*⁶, expondo uma cartografia do negro na literatura brasileira, pesquisa que propõem um “*um novo modelo de Afro-brasilidade*”⁷. Nas palavras de Souza (2005, p.62) “O afro brasileiro, portanto, seleciona e relabora os dados culturais de que necessita para construir um desenho identitário positivo para si e para seu grupo; tentará, por conseguinte, desvelar o apagamento e o desprestígio constituídos pela ocidentalidade”

Algumas questões se insurgem em nosso artigo, a saber: até onde há mudanças de perspectivas em face dos seres ficcionais? Será que há, de fato, a ressignificação identitária negra nos referidos *Cadernos*? Em que consiste a importância desses textos no contexto atual, haja vista, a promulgação da Lei 10.639/03, por meio da qual se tornou obrigatório o Ensino para as Relações Étnico-Raciais e para a História e Cultura Africana e Afro-Brasileira?

No que se refere ao conceito essa produção, Souza (2006), Fonseca (2006) e Evaristo (2007) denominam como literatura afro-brasileira e/ou afro-descendente, enquanto Bernd (1988) utiliza o termo literatura negra e, mais recentemente, Cuti (2010), um dos fundadores dos *Cadernos Negros* polemiza ainda mais as acepções, definindo como literatura negro-brasileira. Observemos, desse modo, que adentraremos um campo complexo, inclusive, em termos de conceituação.

⁶ O qual se constitui de 748 páginas, com textos de estudiosos do Brasil e do exterior.

⁷ Dentre ela Florentina Souza e Nazaré Fonseca colocam os *Cadernos Negros*.

5.1. BREVE ANALISE DOS CONTOS DOS CADERNOS NEGROS

Para melhor refletir sobre até que ponto, os contos dos Cadernos são relevantes como fonte de reflexão contrária às representações literárias canônicas aqui aludidas, as quais por muitas vezes trazem o negro de maneira estereotipada, negativa, reforçando a assim a baixa-auto-estima negra, tomaremos como exemplo fragmentos de alguns dos 26 contos analisados dos Cadernos Negros.

Iniciaremos com *As máscaras de Dandara* de Sarafina Machado. Dandara desde menina resolveu usar várias máscaras para se proteger da discriminação e exclusão sofrida na sala de aula devido a sua aparência, usou “máscaras de todos os tipos: simples complexas, articuladas, imóveis, zoomorfas ou híbrida [...] sempre tentando pertencer. Sempre dilacerada. Tornara-se múltiplas e vazia; sombras deformadas”(p.109). A personagem não consegue reagir a não aceitação que sofreu na infância, passando-se assim por um forte processo de falta de auto-estima. “No fundo, achava-se feia, pouco atraente, pois era o que sempre diziam sobre ela; que era feia e tinha cabelos pixains que nunca cresciam. Ironizavam dizendo ser cabelo-bombril. O nariz amassado...As pessoas riam.”(p.109). Dandara tanto na adolescência e adulta continua a usar várias máscaras de coitada, de simpatia, de autoconfiança, amável, de complexidade, de indiferença. A personagem vive este conflito existencial até sentir a necessidade de:

“tirar as máscaras do armário que estavam dentro de si. Sentia que naquele momento não precisava e não poderia ser um personagem. Queria, sem arrependimento, ver a partida da criança humilhada, da mulher rejeitada, da profissional preterida, da professora desvalorizada, da mulher sorridente e vazia. Era necessário reinventar-se; apalpar, no nevoeiro que de quem era, algo que fosse uma essência: descobrir-se.(p.114)

No processo de descoberta aceitação identitária Dandara sente a necessidade de olhar-se sem as máscaras, as quais faziam parte da mesma a ponto dela não conseguir saber quem era e “sorriu ao ver a única máscara que não poderia jamais tirar: sua própria pele. Pele negra.”

Percebemos que Dandara se negava, escondiam-se, resistiam ao contato, camuflavam-se, em prou da sua baixo-auto-estima, após vários conflitos em frente ao espelho enxergam o que antes não via: sua beleza. Devido a não ter os traços fenotípicos tidos como belos, por não ver refletido no espelho o referencial tido como belo.

Temos também dois contos que nos remetem a mesma reflexão personagens que não se aceitam, se esforçam para parecer com o outro, o legitimado como belo, e no decorrer da narrativa ou através de um namorado, amiga, ou de uma reflexão redescobre-se belamente negra. Como pode ser observado em *Fazendo a Cabeça* de Ramatis Jacino, e em *Espelho* de Marcio Barbosa.

Em espelho a protagonista sonha em ser uma artista da TV, tendo como única testemunha o seu irmão que sempre a ironiza por suas atitudes, imagina que está sendo cortejada pelo galã, coleciona várias fotos de mulheres loiras, magras, belas. Fantasia ser como elas... Até que um dia sua mãe chega mais cedo do trabalho com uma colega e a surpreende no meio de uma de suas fantasias, e a repreende fazendo-a ver bruscamente a realidade. Vejamos como a protagonista reage ao perceber que não tem as mesmas características das famosas atrizes que tanto admira:

Quando, porém, a vizinha sumiu por uma porta, junto com a mãe, ela correu ao espelho, enfiou as unhas nos cristalinos olhos azuis, arrancou os loiros cabelos que terminavam numa franja, rasgou a boca com tanta força que chegou a doer. A imagem daquela mulher branca como a neve se fez em pedaços. E seu próprio rosto, preto luminoso, sulcado por gotas que rolavam sobre suas faces, surgiu por alguns segundos no espelho. Ela mesma, logo em seguida estilhaçando-se rompendo-se, transformando-se em cacos, caindo sobre o móvel. (p.72)

Compreende-se que ao ver-se refletida no espelho a personagem quebra-o devido a sua não aceitação. Aqui há uma demonstração forte de como e imagem disseminada de forma negativa ou positiva pode ter conseqüência a ponto da sua não aceitação, e da procura de ser o outro.

É interessante observar a reflexão contida neste dialogo dos irmãos depois que a irmã descobre que seu padrão de beleza não é o mesmo que ela via na TV.

- Eu gosto do seu cabelo, do seu nariz... e sua pele é bonita.
- Mas não tem modelo preta na TV.
Ela não entendia porque o mundo lhes negava espaços para desejos.
- Então vai ter você!
[...] O cabelo não balançava e ela imaginou diferentes formas de arrumá-lo. Sorria a cada novidade descoberta. Olhou-se. Tinha um corpo realmente bonito. Imaginou-se em meio a atores, homens e mulheres que a respeitavam.[...]"

(Márcio Barbosa. CN 16, p.72-73)

Nota-se que através da sua aceitação, a personagem resgata a sua auto-estima, e percebe que ter os padrões físicos diferente dos expostos na TV, não quer dizer que não é bela, e que para ser aceita não precisava ter que ser como o “outro” negando-se em vês de valorizar seus traços.

Já em *Fazendo a cabeça* de Ramatis Jacino o personagem começa relatando que ‘Não existia em seu coração esperança alguma de tornar-se bela. Há muito, havia abandonado a ilusão adolescente de sua beleza. Aos dezesseis anos via-se parecida com artistas de cinema e modelos.’. Temos aqui de inicio uma personagem que vive o mesmo conflito da anterior: o não reconhecimento de seus traços físicos representados como belo, o que ocasionou negação de si mesma, fazendo-as procurar assemelha-se com o outro. Após vários dilemas a de *Espelho* assim como o de *Fazendo a cabeça*, percebe-se bela como observamos neste fragmento:

“Voltou a observar sua imagem, aproximando-se e afastando o rosto, olhando-se de perfil, de frente, levantando-se a cabeça...

E aos vinte e dois anos Lola redescobre seu rosto, sua pessoa e pela primeira vez se vê como realmente é.

Sem afastar os grandes olhos do espelho, murmurando para si própria num tom de espanto, misto de intensa alegria:

Meu Deus!

Mas... eu sou bonita!!”(Ramatis, CN 4, p.94)

As personagens relata os processos de aquisição de sua identidade racial, de sua valorização/ negação/ valorização de uma das características fenotípicas negra: o cabelo, o qual é focado como referencial de sua conscientização/aceitação identitária enquanto mulher negra.

Ambas as personagens até aqui retratadas trazem consigo uma discussão que demonstram o quanto as imagens disseminadas podem servir de (de) formação identitária a ponto de haver uma negação de si. Mostrando que o branqueamento almejado por alguns dos fundadores das teorias racias permanecem até hoje, mesmo que com outro formato. O interessante é que os Autores dos Cadernos Negros aqui apresentados reconfiguram este discurso seja em um momento de epifânia, sonda através do dialogo com um namorado, amigo os personagens culminando na sua aceitação.

7. FALANDO UM POUCO SOBRE A METODOLOGIA:

Realizaremos a pesquisa bibliográfica. No que se refere à fundamentação teórica, recorreremos à crítica e à teoria literária aludidas aqui, às Ciências Sociais e Humanas, assim como a outras vertentes afins. Fizemos uma leitura preliminar de todos os contos da série, perfazendo um total de 16 livros publicados até os dias de hoje, dentre o total de 33 livros (prosa e poesia). Refletindo acerca dos mesmos e redefiniremos os mais relevantes que são, a nosso ver, os que trazem à tona a temática étnico-racial e expressam os conflitos dos personagens.

Objetivamos Analisar os *Cadernos Negros*, com vista a identificar se prevalece a afirmação identitária do segmento negro. E evidenciar a relevância social de tais textos enquanto produção literária brasileira, haja vista a carência de estudos de contos na área em foco.

Observamos, até então, que dos 16 livros⁸ temos o total de 302 contos. Destes 60 citam os traços fenotípicos negros como a cor, cabelo, nariz etc. e 26 os tematizam. Considerando todos os contos, temos um total de 153 páginas.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS:

A concepção da importância das representações literárias e culturais na formação identitária nos leva a pensar o quanto a literatura colaborou para instituir e legitimar estereótipos no segmento não branco. Assim sendo se faz necessário repensar esta historiografia literária visando uma ressignificação que vai de contra a uma invisibilização ou desvalorização do negro.

Diante de tal necessidade, apontamos os *Cadernos Negros* como uma das possíveis produções literárias capazes de valorizar o segmento negro. Partindo do pressuposto de que tais *cadernos* elegem personagens negros como protagonistas de suas histórias. Para tanto queremos através de uma análise mais detalhada identificar até onde há uma mudança de perspectiva que valorize a identidade negra. Avaliando

⁸ Como está exemplificado no anexo desta monografia.

até onde as suas imagens são contrárias aquelas disseminadas na literatura brasileira. Ou seja, até onde podemos encontrar referências que representem a beleza, as histórias, às vivências sem os estereotipar.

Pensando o quanto o mesmo nos leva as reflexões face à afirmação identitária negra e, por conseguinte, da diversidade cultural que nos constitui.

É interessante ressaltar que os contos aqui aludidos trazem uma discussão principalmente em relação aos cabelos, mas os contos de uma maneira geral trazem uma variedade de temáticas sociais, identitárias, culturais, religiosas, vivenciadas pelos seres ficcionais. Ou seja, o universo destes contos envolvem todas as faixas etária, as sexualidades e suas vivências. Como está exemplificado no anexo desta monografia.

Diante do exposto, reiteramos a relevância de estudar os contos que compõem a série *Cadernos Negros*, primando pela valorização e ressignificação do segmento negro neles delineada para ver se nos mesmos não há uma visão negativa do corpo negro, e sim representações das características físicas, sociais, política, econômica que referenciem positivamente o negro, a ponto de que haja uma reafirmação a qual possa contribuir para uma conscientização da significativa participação do negro no processo construtivo da nossa história, assim como a valorização de si mesma.

REFERÊNCIAS

- BERND, Zilá, *Introdução à literatura negra*. São Paulo: editora brasiliense, 1988.
- BRASIL. *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana*, SECAD/MEC, Brasília, 2005.
- BROOKSHAW, David. *Raça e cor na literatura brasileira*. Trad. de Marta Kirst. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.
- CADERNOS NEGROS 1, 2, 4, 6, 8, 10, 12, 14,16: São Paulo: Ed. Dos Autores; 1978, 1979, 1981, 1983, 1985, 1987, 1989, 1991, 1993.
- CAIRO, Luiz Roberto. Apontamentos sobre o cânone da história da literatura brasileira na virada dos séculos. Cadernos do Centro de Pesquisas Literárias da PUCRS. História da literatura em questão, Porto Alegre, n. 1, v. 10, p.69-73, set.2004.
- CUTI (Luis Silva). *Literatura negro-brasileira*. São Paulo: Selo Negro, 2010.

EVARISTO, Conceição. *Literatura negra*. Rio de Janeiro: CEAP, 2007.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. *Literatura negra, literatura afro-brasileira: Como resolver à polêmica?* In. SOUZA, Florentina e LIMA, Maria Nazaré (Org.). *Literatura afro-brasileira*. Salvador, Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.p.11-38.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. *Visibilidade e ocultação da diferença*. In FONSECA, Maria Nazareth Soares (Org.). *Brasil Afro-Brasileiro*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

GOMES, Nilma Lino. *Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

HAAL, Stuart . *A identidade cultural na pós – modernidade*. .6 ed. Rio de Janeiro:DP&A,2001, p.21

JOLY. Martine. *Introdução à análise da imagem*. 10ed.Campinas,SP:Parirus editora,1996.

PEREIRA, Edilson de Almeida (Org.). *Um tigre na floresta de signos: estudo sobre poesia e demandas sociais no Brasil*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2010.

QUILONBOHOJE (Org.). *Cadernos Negros 20,22: Contos afro-brasileiros*. São Paulo: Quilombhoje; Anita Garibaldi; Editora Convivência, 1997, 1999.

SCHWARCZ, Lilia Mortiz. *As teorias raciais, uma construção histórica de finais do século XIX. O contexto brasileiro*. In SCHWARCZ, Lilia Mortiz e Queros, Renato da Silva (Orgs.). *Raça e diversidade*. São Paulo: EDUSP, 1996. P.146-185.

SOUZA, Florentina da Silva. *30 anos de leitura*. In: RIBEIRO, Esmeralda, BARBOSA, Márcio. (Org.). *Cadernos Negros: três décadas: ensaios, poemas, contos*. São Paulo: Quilombhoje: Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, 2008.p.43-56.

SOUZA, Florentina da Silva. *Afro-descendência em Cadernos Negros e Jornal do MNU*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

SOUZA, Neusa Santos. *Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

VENTURA, Roberto. *Um Brasil mestiço: raça e cultura na passagem da monarquia à república*. In MOTA, Carlos Guilherme (Org.).*Viagem incompleta.A experiência brasileira(1500)- (2000)Formação: histórias*.São Paulo:SENAC São Paulo,2000.p.328-359.

VIEIRA, Nelson. *Hibridismo e alteridade: estratégias para repensar a história literária*. In: MORREIRA, Maria Eunice (Org.). *Teoria da literatura: teorias, temas e autores*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2003.p.95-144.